

COMO REBOLA

Como rebola! Foi o que eu pensei, assim que ela entrou no quarto, requebrando de modo acintoso, mexendo as cadeiras para lá e para cá. Fiquei aborrecida e mais uma vez buscava acompanhar o percurso que ela fazia, enquanto ia ocupando o espaço, exibindo-se como se fosse dona do mundo.

Sempre tive raiva de ‘espíritos’ como o dela: cheios de si. Personalidades deste tipo lembram, a mim, de modo contundente, o quanto me sinto insegura diante de iniciativas tão simples, como adentrar numa sala onde os outros já estão acomodados, chegar a uma festa e decidir a quem devo cumprimentar primeiro, ou pior, escolher o lugar onde me sentar, numa mesa em que todas as cadeiras estão ainda livres.

Deve ser a décima vez que ela entra, na minha casa, sem pedir licença, sem sequer olhar para mim, comportando-se como se eu não existisse. Eu teria que tomar alguma providência, mas continuo deitada sem reação. Não é possível que eu seja tão dócil ou apática, a ponto de deixar que o imperioso traseiro dela continue a se movimentar como se não dependesse do restante do corpo. Sabemos que, na cultura brasileira, a apreço a esta parte do corpo é grande. Será que ela conhece tão bem os homens a ponto de exagerar deste modo, mostrando o que ela tem de melhor: seu rabo? Ou será que ela é tão segura que pouco se importa com o que pensem os outros, apenas faz o que seu instinto manda?

Desde pequena, ouvia minha tia falar do quão valioso era ter um bumbum bonito e avantajado, pois, segundo ela, isso sempre ajudava na hora de encontrar um bom casamento. Minha anatomia pouco privilegiada no hemisfério sul, combinada com os óculos de lentes para correção da miopia que tive que usar desde pequena, vinha à tona com muita evidência, quando eu a via tão solene. Era como se fosse possível explicar meu recente divórcio, a partir de aspectos que chegam a ser pueris, diante das mil facetas que contém uma relação afetiva. De todo jeito, pensar assim era

uma boa muleta, porque ajudava a supor que eu não poderia ter feito nada: Jorge teria partido de qualquer modo, sem dizer adeus, como cantam por aí.

Olhei novamente para ela, que continuava a andar pelo quarto, como se estivesse num desfile da Fashion Week, e meus ressentimentos se ampliaram. Como será o corpo da nova mulher dele? Seria um alívio saber que ela é linda (e com traseiro avantajado), assim não teria que voltar a pensar no que eu poderia ter feito, em termos de gestos, de modos de lidar com outro, de ações para amenizar as distâncias que cresceram entre nós, desde que nos mudamos para Jacarepaguá e, às minhas 10 horas de trabalho diário à frente da editoria de moda da revista, tive que somar as duas para ir mais duas horas para voltar para casa.

Pensando nisso, olhei para o smartphone e constatei que, em cinco minutos, ele iria sonar, fazendo às vezes do despertador, este equipamento que logo ficará tão fora de moda como a máquina de escrever.

Tudo deveria, então, recomeçar, num cotidiano, agora sem companheiro: levantar, tomar banho, escolher algo bem colorido para vestir, como se fosse possível esconder o cinza do coração, tomar um café rápido e ganhar o mundo da rua, com os fones de ouvido acionados para enfrentar o barulho e o trânsito da manhã.

Saio correndo e quase ia, mais uma vez, me esquecendo dela. Voltei e pensei: preciso deixar um bilhete para a diarista. Tenho que pedi-la que faça tudo, mas tudo mesmo, que for necessário para descobrir em que canto da casa ela se esconde tão bem, de modo que somente quanto estou tranquilamente na cama, vejo-a entrar exuberante por baixo da porta. Meu desejo era mesmo pegar uma vassoura e matá-la, mas cadê a coragem? Nunca fui capaz de acabar nem com a vida de uma mosca, muito menos de uma lagartixa.

CARMINHA BELTRÃO

JUNHO DE 2016.